



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação

HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ELITE CONSAGRADA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

STORIES AND PATHS: AN ANALYSIS OF SCIENTIFIC PRODUCTION OF THE ELITE CONSECRATED IN THE EDUCATION FIELD IN BRAZIL

Bruna Silva do Nascimento¹, Leilah Santiago Bufrem²

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O trabalho parte da seguinte pergunta: como se constituíram, em relação à produção acadêmica, as trajetórias científicas dos bolsistas de produtividade de pesquisa (PQ's) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do campo acadêmico da Educação no Brasil? Elabora o referencial teórico com suporte na Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu. Aplica técnica cientométrica para analisar a produção bibliográfica dos 382 agentes investidos com as bolsas de produtividade. Classifica essa produção de acordo com os capitais mobilizados (científico puro e temporal). Inventaria 44.226 itens (artigos, livros, capítulos de livros e trabalhos completos publicados em eventos) divulgados de acordo com o recorte temporal estabelecido, nessa primeira etapa (1990-2015). Constata maior incidência de publicação no formato de trabalho completo apresentado em congressos (43,56%), embora essa tendência apresente declínio, a partir de 2010, propiciado pela proposta de atribuição de Qualis aos Eventos. Salienta que a diferença entre capítulos de livro e/ou livro e artigos ainda é expressivamente representativa (17,08%) no período analisado. Identifica que dos 16.257 artigos publicados, entre 1990 e 2015, 60,58% deles são divulgados em periódicos com a melhor classificação no Qualis (A1, A2 e B1). Desse total, 61,28% foram publicados nos dois últimos quinquênios (2005-2009 e 2010-2015). Aponta que 64,14% dos bolsistas são do gênero feminino. Constata que, ao analisar o perfil da elite em Educação, a presença do gênero masculino com elevado capital científico, nos maiores estratos, pode ser reflexo das facilidades concedidas aos homens para ocupar espaços de poder e prestígio na ciência. Conclui que os bolsistas são detentores de um mesmo *habitus* e ratificadores de uma mesma *doxa*, embora, não raro, vítimas algozes de suas *práxis*.

Palavras-chave: Campo educacional. Produção científica. Análise sociológica. Capital científico.

¹ Doutora em Educação pela UFPR, Mestre em Ciência da Informação pela UFBA e professora do Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos da UNIRIO.

² Doutora em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora Visitante Sênior no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco.

Abstract: *The starting point of this paper is the next question: with regard to scientific production, how are characterized the scientific trajectories of researchers in the field of Education, who had been awarded academic productivity grants from the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) in Brazil? The theoretical framework is developed based on Pierre Bourdieu's Reflexive Sociology. Scientometric technique is used to analyze bibliographic production of the 382 agents who were awarded academic productivity grants. Scientific production is classified according to mobilized capitals (pure scientific and temporal). A total of 44.226 items was inventoried (articles, books, book chapters and full papers published in conference proceedings) and divulged conforming to the time frame established in this first stage (1990-2015). A higher level of publication is observed in the case of full papers presented in conferences (43.56%), although this trend shows a decline starting from 2010, as a result of the Qualis evaluating proposal for scientific meetings. It is pointed out that the difference between book chapters and/or books and articles is significantly representative (17.08%) during this period. It is identified that of the 16,257 articles published between 1990 and 2015, 60.58% of them are divulged in journals with the best Qualis classification (A1, A2 and B1). Of this total, 61.28% were published in the last two five-year periods (2005-2009 and 2010-2015). It is indicated that 64.14% of the grantees are female. When analyzing the profile of the established research elite in the education field, it is observed that the male presence corresponding a high scientific capital in the upper strata, may be a reflection of the facilities granted to men for occupying power and prestige positions in science. It is concluded that grantees hold a same habitus and reaffirm a same doxa, though, often, are victims of their tormentor praxis.*

Keywords: *Educational field. Scientific production. Sociological analysis. Scientific capital.*

1 INTRODUÇÃO

As Instituições de Ensino Superior (IES) apresentam não só os dois polos discursivos (interlocutores e antagonistas) de qualquer pesquisador iniciante, mas também proporcionam investimentos de tempo e de recursos para o desenvolvimento pleno de seu capital científico puro e temporal (notoriedade). Cumpre ressaltar que ao apresentar o termo notoriedade científica como sinônimo de capital científico temporal individual leva-se em consideração o fato de que os aspectos que a constituem estão fortemente relacionados com as articulações que sustentam o campo do poder, ou melhor, as interações e as concessões que são a base de todo e qualquer campo social.

A construção dessa díade, formada pela união entre a IES e o pesquisador, embasa as relações de poder tecidas entre os agentes e garante a sustentação de ambos, pois é sabido que a dedicação de qualquer membro é proporcional à dependência vital da instituição à qual ele está vinculado, em outras palavras, quem faz a IES é o pesquisador, mas sem ela sua própria existência estaria comprometida.

No caso específico do campo acadêmico, a obtenção de prêmios, títulos e um grande número de supervisões, principalmente as relacionadas à pós-graduação, conferem ao agente um grau de distinção entre os demais e isso lhe garante um conhecimento, ou melhor, um reconhecimento (consagração) ante a comunidade acadêmica. É esse mecanismo, calcado na conversão e reconversão de capitais, que autoriza (ou não) um agente a ocupar postos de destaque no campo.

Em sendo assim, o que aqui se propõe é uma análise da produção científica em conjunção com uma análise sociológica das características formativas e das articulações de diferentes tipos de capitais estabelecidas entre os agentes do campo da Educação no país objetivando delinear o espaço ocupado e representado por essa elite na academia.

Por observar esse estado de coisas, estabeleceu-se como problema de pesquisa: **Como se constituíram as trajetórias dos bolsistas de produtividade de pesquisa do CNPq no campo acadêmico da Educação no Brasil?**

Como objetivo geral estabeleceu-se: analisar as trajetórias acadêmicas, no que concerne à produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ1, PQ2 e PQ-SR/CNPq), do campo da Educação no Brasil. Já os objetivos específicos são: inventariar diacronicamente a produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq da educação; identificar características dos pesquisadores quanto ao gênero e à formação acadêmica; analisar os indicadores de sua produção científica e os canais preferidos para a sua comunicação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que concerne ao polo técnico da pesquisa, o estudo caracteriza-se pela exploração do contexto da produção científica dos bolsistas, propondo-se a identificar informações acerca do agente principal que constitui o campo acadêmico: o pesquisador. Assim, os traços significantes intrínsecos à informação são utilizados como formas de apreensão da realidade observada. (BRUYNE; HERMAN; SHOUTHEETE, 1977). Eles proporcionam não só uma visão ampla dessa classe profissional (suas características como gênero, titulação, instituição da titulação entre outras), mas também permitem a identificação das práticas de produção científica. Além disso, facilitam o entendimento do papel e da influência exercidos pelas agências de fomento no que concerne à distinção dos pesquisadores por meio da concessão de bolsas de produtividade no contexto de produção do saber.

Ao propor uma análise relacional do campo acadêmico da Educação no Brasil, optou-se pela utilização da análise de conjuntura para não só facilitar a compreensão dos dados quantitativos, mas também – e principalmente – para contextualizar as informações qualitativas inscritas no contexto do fenômeno, pois “[...] com o volume de informações veiculadas diariamente, é [...] necessário identificar os ingredientes, os atores [agentes], os interesses em jogo [*enjeux*]. Fazer isso é fazer análise de conjuntura.” (SOUZA, 2004, p. 7).

Acredita-se que ao trabalhar com os diferentes polos constituintes do campo acadêmico, ou seja, não só com a produção científica (indicadores de produção), mas também analisá-los sob a luz da Sociologia Reflexiva, será possível uma melhor compreensão acerca de como se institucionalizou o próprio campo da Educação no país. Para Bourdieu (2011a), analisar relacionalmente e, portanto, de maneira completa, um fenômeno significa romper com o “[...] monoteísmo metodológico [...]” (2011a, p. 24) que encerra o pesquisador à utilização de apenas um viés (técnica) para a compreensão dos dados.

A busca se deu em duas etapas distintas: a primeira visou criar um banco de dados com informações gerais a respeito dos pesquisadores, compreendendo características como: gênero, titulação, área da titulação e instituição da titulação. Já a segunda etapa cuidou da prospecção dos dados relativos aos trabalhos publicados, relacionados na aba “produção bibliográfica” do Lattes, aglutinando-os de acordo com o veículo utilizado para a sua comunicação aos pares. Por fim, e com o objetivo de reunir as informações acerca dos diferentes tipos de capitais mobilizados pela elite consagrada propõe-se um quadro que reúne os polos de produção, formação e representação desses indivíduos e que funcionaria como um barema para a análise relacional da trajetória acadêmica de qualquer pesquisador.

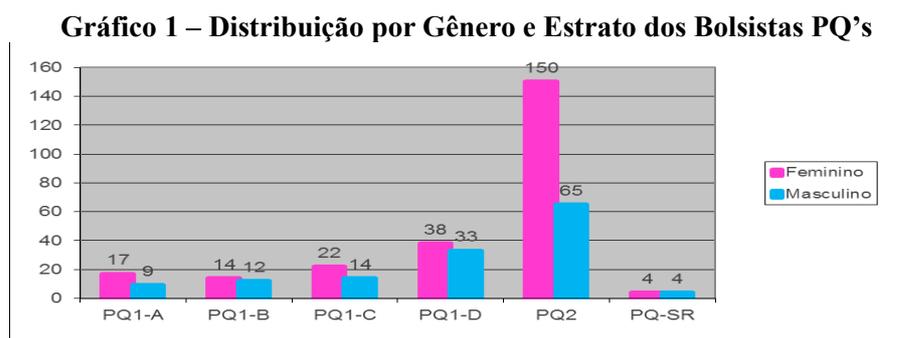
A coleta se deu entre os dias 10 de abril e 10 de maio de 2015 e utilizou o *software* Excel para a criação da planilha geral a fim de facilitar a visualização e a confecção de gráficos e tabelas. Para o segundo momento, foi necessário recorrer à ferramenta de extração de dados ScriptLattes³.

Optou-se também pelo recorte temporal entre 1990 (ano de ocorrência das produções mais antigas) e 2015. A escolha por esse recorte temporal diacrônico tomou como base o fato de que, se o objetivo geral é analisar as histórias e as trajetórias acadêmicas dos PQ’s, a determinação de um período menor e/ou que não compreendesse a completude dessas carreiras poderia comprometer a determinação dos indicadores científicos de produção.

³ Disponível em: <<http://scriptlattes.sourceforge.net>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

3 OS MEMBROS DA ELITE NO CAMPO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO⁴

O universo de 382 agentes foi extraído do relatório disponibilizado pelo CNPq no ano de 2013⁵. De posse dessas informações foi possível verificar que, em se tratando de um campo das Ciências Humanas, a maioria dos bolsistas é do gênero feminino (64,14%). O Gráfico 1 demonstra que, salvo o estrato dos PQ's², as diferenças absolutas entre os gêneros foram observadas de modo discreto.



Fonte: dados da pesquisa

Importa salientar que aqui se está analisando o perfil da elite em Educação e, por mais que o campo tenha sido construído historicamente por mulheres – pelos mais variados motivos, entre eles o fato de que a hierarquia dos objetos de pesquisa também se estabelece de acordo com as predisposições incorporadas no campo (BOURDIEU, 2011b) –, a presença do gênero masculino com elevado capital científico pode ser reflexo das facilidades que o homem encontra para ocupar espaços de poder e prestígio na Ciência, pois “[...] a produção de bolsistas mulheres cresce nas diferentes modalidades, mas diminui na medida em que cresce o nível hierárquico da bolsa.” (LETA, 2003, p.276).

Nesse tocante, as bolsas de produtividade são consideradas as de maior valor hierárquico e as que têm sido atribuídas com maior frequência aos pesquisadores do gênero masculino em áreas como Biologia, Física, Medicina, excetuando-se o caso da Educação. Uma explicação desse comportamento pode estar, como mencionado anteriormente, na própria constituição do campo, fundado predominantemente por mulheres, como também é o caso da Ciência da Informação.

Buscando analisar o que, de fato, ocorre no campo acadêmico da Educação em relação às questões de gênero, realizou-se uma análise relacional, cruzando o gênero com o a

⁴ Embora as questões de gênero não se restrinjam à delimitação dicotômica (masculino/homem x feminino/mulher) o Lattes só permite o uso do nome social e não a assunção de gênero.

⁵ Fonte: dados constantes no Documento de Área (Avaliação Trienal 2009-2012). Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Educa%C3%A7%C3%A3o_doc_area_e_comiss%C3%A3o_21out.pdf>. Acesso em: 06 maio 2015.

modalidade de bolsa. O resultado foi a constatação, do também observado por autores que estudam a questão do gênero nos mais variados campos do saber, de que há uma distinção entre os gêneros, principalmente no que concerne às possibilidades de ascensão. (LOURO, 1994, VELHO; LEÓN, 1998, LETA, 2003, OLINTO; OLIVEIRA, 2004, THELWALL; BARJAK; KRETSCHMER, 2006, BUFREM; NASCIMENTO, 2012). Dos 137 (35,86%) pesquisadores do gênero masculino, 52,55% estão distribuídos entre os estratos considerados mais elevados (PQ1-A, PQ1-B, PQ1-C, PQ1-D e PQ-SR). O mesmo não foi observado ao se analisar proporcionalmente a concessão das bolsas ao gênero feminino, pois esse percentual foi de 38,78%.

Os resultados permitem que se constate a maneira perversa como o campo acadêmico ainda administra a entrada das mulheres, mas principalmente, as conquistas das mais altas hierarquias de poder. (VELHO; LEÓN, 1998; LETA, 2003; OLINTO; OLIVEIRA, 2004; THELWALL; BARJAK; KRETSCHMER, 2006). A Educação não é diferente dos outros campos que compõem o campo científico, pois sua estrutura se constitui sob os mesmos moldes da reprodução. De acordo com Bourdieu

O crescimento muito rápido evidenciado pela escolarização das meninas participou da desvalorização dos títulos escolares. [...] pelo fato de que toda segregação (segundo sexo ou etnia) contribui para frear a desvalorização por um efeito de *numerus clausus*, toda dessegregação tende a restituir sua plena eficácia aos mecanismos de desvalorização [...] (2011b, p. 150).

O que se depreende do trecho anterior é que, para as mulheres, além das dificuldades inerentes e as impostas para a sua ascensão ao mercado de trabalho, qualquer tentativa de remodelar esse sistema vigente, calcado na diferenciação por gênero, incidirá nelas de modo bem mais severo do que para os homens. Merton (2013) e Bourdieu (2011b) corroboram essa afirmativa, pois mesmo em um processo de equiparação (dessegregação) são os agentes com menor poder no campo, com menos capitais em jogo, que perdem ainda mais espaço. As mudanças acontecem de maneira lenta e gradual, mas seus resultados são sentidos de forma diversa, principalmente, de acordo com os títulos e os capitais que cada agente possui.

Ao observar a predominância absoluta do gênero feminino no campo educacional, mas – em contrapartida – sua inferioridade em relação às mais altas instâncias de consagração, é com certo desconforto que se constata a distinção entre os gêneros, pois como o aqui constatado “ainda existem desequilíbrios na maioria das áreas da ciência, em particular para o topo da estrutura da carreira.” (THELWALL; BARJAK; KRETSCHMER, 2006, p. 373, tradução nossa). Ao utilizar o termo distinção, oferece-se a possibilidade de duplo

entendimento: pela análise *bourdieusiana* que o emprega como sinônimo da conquista de elementos únicos e representativos na luta hierárquica do campo, e pelo senso comum que o considera como termo correlato à diferenciação, seja ela de qual ordem for – não necessariamente um poder institucionalizado e passível de negociação.

Essa diferença não pode ser vista como mero acaso, sem, ao menos, relativizar o papel da mulher na ciência. Historicamente, à mulher foi imputada a responsabilidade de manter o núcleo familiar, a comunicação entre esses membros e a educação dos recém-nascidos. Bourdieu (2011d), na obra “A dominação masculina”, aponta que a reificada “ordem sexual” é responsável pela manutenção das clivagens entre as “coisas do homem” e as “coisas da mulher”. Se há uma hierarquia social dos objetos, há também, uma relação entre a escolha das profissões abalizadas na diferença de gênero. (BOURDIEU, 2014a). Às mulheres competiria importar-se com a agenda relacionada e constituída com e pelas suas históricas atribuições natas, anteriormente citadas. Em sendo assim, o campo social e humano estaria mais “de acordo” e abrigaria o maior número de mulheres em profissões como pedagoga, bibliotecária, professora, entre outras, “[...] bem menos representadas nos departamentos mais cotados, mantendo-se sua representação inferior nos Departamentos de Ciências, ao passo que cresce nos Departamentos de Letras.” (BOURDIEU, 2011d, p. 109).

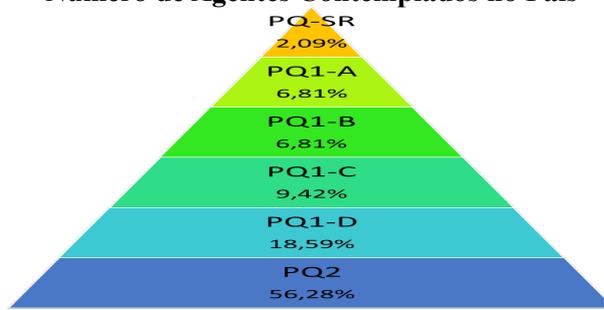
Meadows (1999) corrobora o discurso de Bourdieu quando infere que, em campos como as engenharias, a presença masculina ainda é bem maior. Isso teria a mesma explicação histórica: aos homens compete o pensar, o engendrar, o quantificar físico e matematicamente, para promover os avanços da ciência. Bourdieu propõe uma contra revolução para (des)historicizar esses mecanismos de clivagem e segregação de gênero, uma “mobilização marcadamente política, que abriria às mulheres a possibilidade de uma ação coletiva de resistência [...]” (2011d, p. 6). A luta pela igualdade de oportunidades e contraposição à eternização do arbitrário sexista, em uma sociedade androcêntrica, segundo o autor, não pode se caracterizar pelas rupturas “heróicas”, mas sim, pela inserção na pauta política das discussões sociais cotidianas.

4 QUEM FAZ PARTE E QUAL É A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL DA ELITE CONSAGRADA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL?

A produção científica de um agente é uma das moedas de troca que, como o

anteriormente exposto, lhe garante a conversão e reconversão de capitais distintos (capital científico puro e capital científico temporal), pois são esses capitais que o colocam e/ou permitem a ocupação de cargos de destaque no campo. Nesse sentido, as bolsas de produtividade em pesquisa são distribuídas conforme expressa o Gráfico 2.

Gráfico 2 – Comparação entre a Distribuição das Bolsas de Produtividade em Pesquisa e o Número de Agentes Contemplados no País



Fonte: dados da pesquisa

O campo da Educação estabelece como máximo de bolsistas PQ-1A 10,00% do universo de pesquisadores agraciados com bolsa. No Gráfico 2, observa-se que somente 6,81% estão classificados nesse nível. “Essa estratificação, comum a todo grupo regido de maneira hierárquica, é incentivada e perseguida pelos agentes do campo, acabando por designar a uns poucos o controle das decisões de todo o campo.” (ODDONE *et al.*, 2012, p.13).

É fato que as exigências produtivistas das agências de fomento intensificaram-se nas últimas décadas e estão presentes em inúmeras discussões nos mais diferentes campos do saber. Em 1988, um artigo publicado na Folha de São Paulo, intitulado “Pesquisa da USP mostra que ¼ dos docentes nada produz”, causou indignação entre os professores universitários, em âmbito nacional.

A discussão foi emblemática para o que se discute nesta pesquisa. Ao mencionar que 25% dos docentes nada produziram, entre 1985-1986, o jornal os rotulou como “os **improdutivos** da USP” (FOLHA, 1988, p. 2, grifo nosso). Esse enunciado surgiu, no Brasil, pela primeira vez em um veículo de comunicação de significativa expressão. Ao descreverem, em tom de denúncia, a “improdutividade” dos professores, os articulistas afirmaram ser papel

da universidade difundir o conhecimento, ou seja, publicá-lo seria imprescindível para o devido cumprimento dessa função. Em sendo assim, como esse percentual representativo de professores não o fez em dois anos?

Em resposta a esse questionamento, e a tantos outros que dele derivam, estudos acerca da produtividade acadêmica foram desenvolvidos ao longo dos anos no país. Entretanto, o mais importante, ao propor essa subseção é constatar e ratificar que a máxima do “*publish or perish*” está em pauta, no Brasil, há quase três décadas, mas as discussões sobre o “produtivismo” não se esgotam. Seja no campo acadêmico, seja no campo político, saber mais e melhor sobre quem, quanto, como e onde publica é, ainda, a maneira mais utilizada para atribuir níveis de distinção diferenciados aos pesquisadores e às instituições de ensino.

Documentos confirmam que os critérios de avaliação, concessão e eleição variam de acordo com o campo científico, mas, de modo geral, há uma priorização da atividade de pesquisa (produção científica) em detrimento das demais, malgrado as tentativas de equalizar os pesos atribuídos a cada uma delas. No caso específico da Educação, os critérios para a concessão de bolsas de produtividade levam em consideração alguns requisitos gerais, a saber, o **mérito** do projeto e a **produção científica**.

Por esse motivo críticas aos métodos quantitativos de análise são alardeadas, como fica patente no diálogo reproduzido de uma reunião da Associação dos Docentes da Universidade Federal de São Paulo (ADUSP): “A cientometria pode ter consequências desastrosas. Medidas em geral afetam a grandeza que a gente está medindo [...] a citação virou moeda de troca: eu lhe cito, você me cita. Escambo autoral.” (BURIAN JR.⁶, 2011, p. 3). Ora, os estudos métricos não estão ou pelo menos não deveriam estar restritos à descrição do cenário (medidas generalistas) encontrado no campo, mas sim, alinhando seus indicadores quantitativos com teorias que se proponham a contextualizar e historicizar os resultados encontrados.

Nesse sentido acredita-se que o *habitus*⁷, como condicionante das práticas no campo e como produto da história, determine não só a conduta a ser seguida pelos agentes, mas

⁶ Informação oral. Disponível em: < <http://www.adusp.org.br/index.php/universidade2/180-condicoes-de-trabalho/produtivismo/953-choque-de-visoes-antagonicas-marca-debate-sobre-produtivismo-academico>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

⁷ O conceito de *habitus*, por ora empregado, se caracteriza por ser um [...] sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente, ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro. (BOURDIEU, 2011c, p. 87).

contribua para o reforço da *doxa*⁸. (BOURDIEU, 1998). Ao imporem aos recém-chegados a incorporação desse último conceito, em uma espécie de aceitação contingencial para adentrar o campo, os demais membros ratificam a necessidade de que o novato apresente um *habitus* compatível com o vigente, ou seja, um modo de pensar alinhado com o já institucionalizado (*eidos*⁹).

5 A DISTRIBUIÇÃO DOS CAPITAIS CIENTÍFICOS¹⁰: UMA PROPOSTA DE BAREMA RELACIONAL PARA A ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Ao se observar o documento de área e de posse das informações nele contidas e cotejadas foi possível não só identificar esse universo (382 pesquisadores), mas também estabelecer relações codificadas entre os diferentes tipos de capital científico (puro e temporal) mobilizados pelos agentes e representados nas e pelas suas produções científicas (dados quantificáveis) conforme distribuição proposta a seguir.

Quadro 1 – Proposição de Distribuição dos Polos x Capital Mobilizado

Polo	Produção	Formação	Representação	
	Capital Científico Puro		Capital Científico Temporal	
	Objetivado	Institucionalizado	Pessoal (notoriedade)	Delegado (popularidade)
	Artigos Publicados	Titulação	Supervisões	Cargos Ocupados
	Livros Publicados	Pós-Doutorado	Organização de Eventos	Prêmios e Títulos
	Capítulos de Livro Publicados		Participação em Eventos	Membro de Corpo Editorial
	Trabalhos Completos Apresentados em Eventos			

Fonte: dados da pesquisa.

⁸ O conceito de *doxa* permeia toda a teoria relacional de Pierre Bourdieu no sentido de que se apresenta como a aceitação de uma “falsa consciência”. BOURDIEU, P.; EAGLETON, T. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 297. Ela também se caracteriza por ser uma espécie de código de conduta que é exercido, visto e aceito como “natural” por todos os agentes do campo.

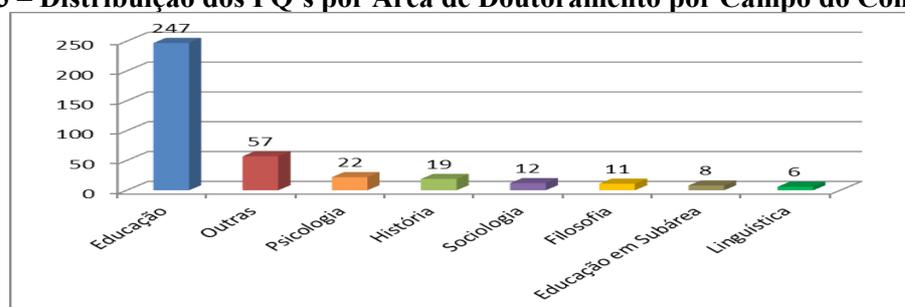
⁹ O conceito de *eidos* para Pierre Bourdieu indica uma maneira de pensar naturalizada, de apreender através de estruturas cognitivas as normas, estratégias e realidades do campo.

¹⁰ “O capital político é uma forma de capital simbólico, crédito firmado na **crença** e no **reconhecimento** [...]” (BOURDIEU, 2011b, p. 193, grifo do autor). Optou-se pelo emprego do termo capital científico temporal com base no livro “Os usos Sociais da Ciência” de Pierre Bourdieu que versa sobre as diferenças entre os tipos de capitais científicos. Para o autor o puro diz respeito aos produtos tangíveis e quantificáveis da atividade científica, enquanto que o temporal seria permeado pelo reconhecimento, pela concessão de distinção aos agentes.

São esses dados quantificáveis que servirão de base para a formulação dos indicadores de produção científica. (CALLON; COURTIAL; PENAN, 1995).

No que diz respeito à formação acadêmica dos bolsistas PQ's do campo da Educação, o que se encontrou ao analisar os 382 currículos Lattes foi que a maioria (64,66%) dos agentes obteve, no próprio campo, sua titulação mais elevada (doutoramento).

Gráfico 3 – Distribuição dos PQ's por Área de Doutorado por Campo do Conhecimento



Fonte: dados da pesquisa

Importa salientar que 86,13% dos campos de titulação dos agentes, estão situados na grande área de Ciências Humanas, com maior representação da Educação, seguida da Psicologia, com 5,76%, conforme indica o gráfico 3. Com o baixo percentual de formação observado, em outros campos do conhecimento, pode-se inferir que mesmo sendo um campo caracterizado pela interdisciplinaridade o que se vê não representa essa conformação histórica, pelo menos no tocante à formação dos membros da elite.

Acredita-se que as transversalidades temáticas que compõem o campo da Educação estejam mais presentes nas relações sociais dos agentes envolvidos. Dentre as ênfases desses cursos salienta-se à Psicologia da Educação e/ou Psicologia Escolar com metade desse percentual.

No que se refere aos países que sediaram a formação acadêmica dos agentes, encontrou-se um predomínio absoluto (83,77%) de IES no Brasil. Esse dado, em um primeiro momento, pode não parecer revelador, mas se considerarmos que a análise foi diacrônica e sobre a elite do campo, que invariavelmente já tem muitos anos de formação, pode demonstrar que a Pós-graduação, no país, está sedimentada, ou seja, há diversos cursos muito bem avaliados que já são referência no campo.

Em relação às instituições responsáveis por essa titulação, também não foi surpresa constatar a supremacia da Universidade de São Paulo (USP), ocupando a primeira posição com 23,82% dos títulos conferidos aos bolsistas. Ao analisar os dados dispostos na tabela 4 visando verificar de que maneira contribuíram para a qualificação dos membros da elite consagrada o que salta aos olhos é a importante influência do estado de São Paulo como polo formativo no nível do doutorado, pois 53,67% dessas titulações foram obtidas em IES paulistas (USP, UNICAMP, PUC-SP, UNESP e UFSCAR). É fato que a região Sudeste do país foi precursora dos cursos de Pós-graduação, muito em função disso, atualmente, também congrega o maior número de IES que oferecem cursos de formação completos (Mestrado e Doutorado). (CAPES, 2013a).

Essa distribuição nada equitativa denuncia e ratifica os privilégios que o acúmulo de capital econômico e sua reconversão em outros tipos de capitais, a saber, o científico puro e o temporal conferem aos agentes empossados do campo. Além disso, esse capital pode ser científico (temporal e/ou puro) e social, mas a conversão e a reconversão são, não só possíveis, mas também se constituem prática comum e imprescindível para a manutenção dos postos de poder dentro do campo.

O mesmo princípio pode ser aplicado em relação ao fortalecimento de determinados estados que, durante sua constituição histórica, foram e/ou representaram polos econômicos no país. Esse é o caso dos estados do Sudeste, principalmente, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que converteram suas oligarquias do café com leite em uma espécie de oligarquia científica, passível de ser comprovada, não só pela quantidade de IES, mas de agentes por elas formados, bem como pela observação do volume de publicações delas provenientes.

5.1 O CAPITAL CIENTÍFICO PURO DOS PQ'S: A DISTRIBUIÇÃO DAS PUBLICAÇÕES

Não foi surpresa verificar que as produções analisadas entre os três anos anteriores à concessão/renovação das bolsas de cada pesquisador e sua última publicação disponibilizada no Lattes ultrapassaram – na maior parte dos casos – os 20% de sua produção total. Esse padrão reforça o aspecto reprodutivista da academia, ainda mais evidenciado nas altas instâncias de consagração. É impossível imaginar que alguém, que precisa distribuir seu tempo entre pesquisa, ensino e extensão, consiga escrever e publicar mais de 40 itens (entre artigos, livros e capítulos de livro) em 72 meses sem abrir mão de atividades gerenciais, administrativas e, principalmente, de ensino.

Dos 44.226 itens analisados (artigos, capítulos de livro, livros e trabalhos completos apresentados em congresso) observou-se a predileção pela publicação de livros e de capítulos de livro, em detrimento de artigo científico.

Tabela 1 – Veículo Preferido para Disseminação Científica pela Elite do Campo da Educação no Brasil (1990-2015)

Canal de Comunicação Científica Utilizado	Freq. Abs.	Freq. Rel. (%)
Trabalhos Completos Publicados em Anais de Eventos	19264	43,56%
Artigos	16257	36,76%
Livros e Capítulos de Livro	8705	19,68%
TOTAL	44226	100,00%

Fonte: dados da pesquisa

Não obstante, a diferença (17,08%) observada entre o percentual de artigos completos e de livro e/ou capítulo de livro é um fato importante. Observa-se uma possível alteração de curso, principalmente, a partir de 2013 na escolha do veículo utilizado para a comunicação científica do campo. Cumpre ressaltar que os diálogos sobre o Qualis/Livros se intensificaram nesse período relegando um status/valor menor aos capítulos que compõem coletâneas, quando comparados à pontuação auferida para os artigos completos. (CAPES, 2013a).

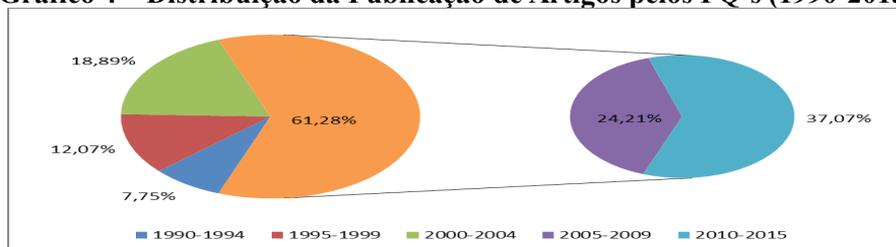
A incipiência dessa tabela de classificação (Qualis/Livros/Coletâneas e Eventos) pode estar contribuindo para uma alteração no cenário da produção acadêmica em Educação, pois o próprio campo ainda não a incorporou em suas estruturas de modo naturalizado. O estranhamento, ou melhor, os questionamentos são inevitáveis, até mesmo porque, todo e qualquer critério de avaliação é criado por alguns membros da elite empossada no campo que, por delegação ou sucessão, age como porta-voz autorizado. (BOURDIEU, 1998, 2004, 2011c). Em sendo assim, ocorrem o estranhamento e o confronto, com potencial para transformar o perfil de publicação do campo.

Há que se pensar também que o investimento em uma carreira profícua passa pela escolha de como, onde e com quem publicar um trabalho. Com a chegada dessa nova tabela, mais um fator foi inserido nesta equação: o que será mais bem avaliado? O mesmo resultado de pesquisa, publicado como artigo, como capítulo ou como trabalho apresentado em evento reverberará de maneira diferente no campo; tendo diferentes públicos atingidos e, por fim, diferentes pesos em uma futura avaliação individual e, por conseguinte, institucional.

O que fica patente é que a escolha do tipo de capital cultural objetivado diz muito sobre um campo. “[...] uma análise relacional e uma retórica eficaz são habilidades que distinguem um bom trabalho, [sendo que] **a produtividade é medida pela produção**

discursiva em gêneros conhecidos.” (HANKS, 2008. p. 45, grifo nosso). Aqui se ressalta que a escolha por um gênero ou outro pode conferir maior ou menor reconhecimento ao agente, o que não se relaciona definitivamente com a qualidade de seu conteúdo. Ao afirmar isso, compromete-se com a máxima de que determinadas publicações (principalmente as cinzentas) não têm um alcance muito grande o que determina que ela tenha, fatalmente, um menor número de leitores potenciais e, por conseguinte, um ainda mais reduzido número de citações. É importante observar que, ao longo das duas últimas décadas, o campo da Educação tem seguido a tendência da Ciência em geral: a publicação dos resultados de pesquisa em periódicos.

Gráfico 4 – Distribuição da Publicação de Artigos pelos PQ's (1990-2015)

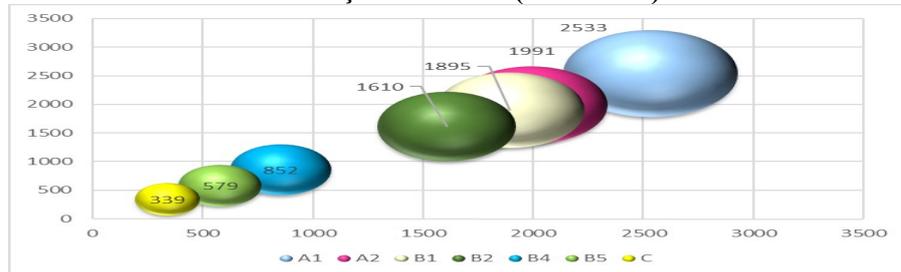


Fonte: dados da pesquisa

De um total de 16.257 artigos analisados, entre 1990 e 2015, o que se viu foi uma explosão no número trabalhos nos dois últimos períodos da análise (2005-2015) com 61,28% do total. Esse alto percentual pode ser explicado por inúmeros fatores: o aumento no número total de revistas científicas (principalmente no formato eletrônico); a incorporação de bolsistas, principalmente, no estrato PQ2 e a priorização do artigo como o veículo autorizado da Ciência. Isso reverbera em outro ponto que é o sistema retroalimentativo das publicações periódicas. Elas são, hoje, o principal canal de comunicação científica e, portanto, também são as mais citadas reforçando o Efeito Mateus não só para o agente (autor), mas também para o veículo (revistas científicas). Como afirmam Mueller e Passos (2000, p. 19) “[...] o periódico científico é a fonte por excelência a ser consultada e citada nos trabalhos científicos. Percebe-se assim a importância do papel que os periódicos bem-conceituados desempenham na fabricação da ciência e na carreira dos cientistas.”

No que concerne à distribuição dos artigos publicados, ao longo da carreira dos 382 bolsistas, observa-se uma relação direta entre a elite acadêmica do campo da Educação e os periódicos mais bem qualizados. No Gráfico a seguir é possível visualizar que a maior parte das pesquisas foi publicada nos estratos A1, A2 e B1.

Gráfico 5 - Distribuição do Estrato Qualis da Produção de Artigos dos PQs do Campo da Educação no Brasil (1990-2015)



Fonte: dados da pesquisa

De um universo de 16.257 artigos publicados entre 1990 e 2015, 60,58% foram veiculados em periódicos dos estratos A1, A2 e B1 do Qualis/Periódicos. O primeiro questionamento que surge é: a elite consagrada (PQ's) publicou mais nas melhores revistas científicas porque é elite, ou é elite porque publicou, prioritariamente, nos estratos mais elevados? A resposta tangencia a questão do rito da investidura (BOURDIEU, 2015), pois o acesso da elite empossada é mais facilitado.

O que se vê é um rol de critérios para submissão de originais, redigidos por uma elite e para uma elite, pois como afirma Bourdieu (1998, p. 217) “Ser conhecido e reconhecido é também deter o poder de reconhecer, de consagrar, de dizer, com sucesso, aquilo que merece ser conhecido e reconhecido [...]” Os percentuais de autores doutores, de estrangeiros, e de tantas outras premissas barram a entrada de agentes ainda considerados “recém-chegados” ao campo. O direito à voz só é conferido quando da investidura e da delegação de tal poder.

Ao estabelecer critérios que visam potencializar a qualidade dos trabalhos publicados, a elite cria um halo em torno das melhores revistas científicas, dos melhores eventos e, agora, dos melhores livros. Toda essa mecânica contribui para a manutenção dos mesmos agentes nas posições de destaque. Importante salientar que quando se diz “mesmos”, está-se referindo ao mesmo perfil e não, necessariamente, ao mesmo indivíduo.

Assim, para ascender à posição de elite alguns investimentos e aquiescências são imprescindíveis, principalmente, no que concerne às regras (*habitus*) e à língua. “A padronização e a legitimação sancionam determinadas maneiras de falar, recompensando umas, porém silenciando outras. Seu efeito é intimidar e censurar o discurso sem o uso de quaisquer atos visíveis de intimidação ou censura.” (HANKS, 2008, p. 52). É importante frisar que a aquisição da língua e o, posterior, domínio da linguagem autorizada no campo se constitui como premissa para o acesso aos cargos, aos periódicos e aos eventos, pois é através desses postos oficiais que a legitimidade se impõe.

Ao priorizarem e conferirem maiores pontuações a determinados tipos de produção científica, mediante a aplicação do Qualis, as agências de fomento reforçam os postos de poder ocupados por cada membro da elite acadêmica. Esse mecanismo de empoderamento e de retroalimentação, de acordo com Bourdieu (2004, 2011c, 2013a, 2013b), viabiliza a acumulação de um tipo específico de capital, mas não impede a conversão e reconversão dele em outros capitais, pois a final, a elite legisla em causa própria quando elabora critérios de inclusão/exclusão ou ainda quando faz das suas medidas a régua para dimensionar o outro.

Se a cientificidade socialmente reconhecida é uma aposta tão importante é porque, embora não haja uma força intrínseca da verdade, há uma força da crença na verdade, da crença que produz a aparência da verdade: na luta das representações, a representação socialmente reconhecida como científica, isto é, como verdadeira, contém uma força social própria e, quando se trata do mundo social, **a ciência dá ao que a detém, ou que aparenta detê-la, o monopólio do ponto de vista legítimo, da previsão autoverificadora.** (BOURDIEU, 2013a, p. 53, grifo nosso).

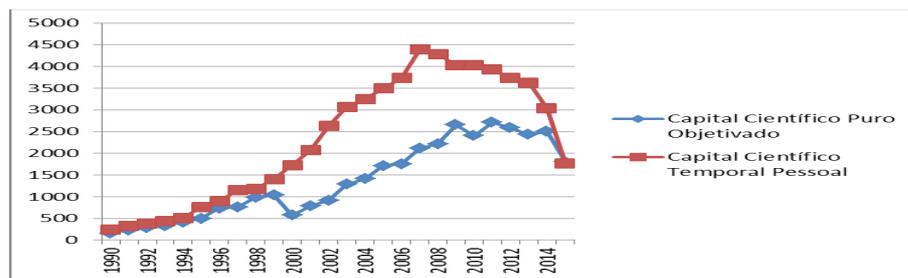
É essa crença na verdade científica que pode cegar os avaliadores, pois eles acreditam que se lá estão é porque foram indicados, mas mais do que isso, creem que são a representação do ponto de vista ideal, ou melhor, do critério mais isento de avaliação. Entretanto, segundo Bourdieu (2013a), e aqui se utiliza uma figura de linguagem para exemplificação: ninguém é bom juiz quando além dessa função desempenha outra: a de réu.

5.2 O CAPITAL CIENTÍFICO TEMPORAL PESSOAL DOS PQ'S

Em relação à construção da trajetória acadêmica dos PQ's importa distinguir entre as produções e as supervisões que compõem, respectivamente, o capital científico puro e o temporal. Em função do grande número de bolsistas foi inviável realizar uma análise individualizada de cada currículo Lattes em busca dos capitais mobilizados pela elite consagrada do campo da Educação.

Todavia, com o auxílio do *software* ScriptLattes, gerou-se um gráfico no qual é possível ver a progressão temporal do capital científico puro objetivado desses agentes, composto por artigos, livros, capítulos de livros e trabalhos completos publicados em eventos, em comparação com o seu capital científico temporal pessoal (supervisões, participação e organização em eventos).

Gráfico 6 – Mobilização dos Capitais Científico Puro e Temporal Pessoal dos Pq's (1990-2015)



Fonte: dados da pesquisa

O investimento realizado pela elite consagrada foi ascendente em ambos os tipos de capital, mas com intensidades distintas. A queda, em 2015, é previsível, pois inúmeros currículos ainda não foram totalmente atualizados com os dados desse último ano. Então, o foco volta-se para o decréscimo abrupto no capital científico temporal pessoal, principalmente, entre 2011-2014, a variável que mais contribuiu para isso foi o número reduzido de participações em eventos. Em contrapartida, também é nesse quadriênio que se observou uma estabilidade no ponto máximo do capital científico puro. Meadows (1999) afirma que os eventos científicos têm por função primeira promover o encontro pessoal, e porque não teórico, entre os pares. Para o autor, é no conagraçamento que novas redes sociais colaborativas se formam e que as já existentes experimentam o fortalecimento de seus laços na defesa pública do trabalho apresentado.

Essa queda vertiginosa encontrou explicação plausível no fato de que, em comparação com o quadriênio anterior (2007-2010) as seguintes variáveis: artigos, livros e capítulos de livro, que compõem o capital científico puro, aumentaram em média 33,55%. A exceção desse cenário foi a queda de 21,88% no número de trabalhos completos publicados em eventos. Retoma-se aqui a discussão acerca da proposição de atribuição de Qualis aos eventos do campo que terminou, como se pode ver, impactando nas estratégias de acumulação de capital da elite. Pode-se dizer que, felizmente, essa tentativa se viu frustrada – pelo menos no modelo proposto – pois, concorda-se com Ziman (1979) e Meadows (1999) acerca da importância dos eventos na estruturação e sedimentação do campo ante a comunidade científica. Aqui não se está fazendo juízo de valor sobre a qualidade dos congressos, ou ainda, sobre a comparação entre um evento e outro, mas sim, salientando que o fórum adequado para discussão de futuras pesquisas ainda são, sim, as reuniões de grupos de trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao identificar os 382 bolsistas PQ1, PQ2 e PQ-SR/CNPq, bem como alguns aspectos

formativos e representativos dessa elite do campo da Educação no Brasil, o presente estudo procurou evidenciar como são estabelecidas as relações entre a produção, a comunicação e a distinção científica. Com a análise dos 44.226 itens publicados, nos últimos 25 anos, verificou-se que o veículo preferido para a disseminação da produção científica foram os anais de congresso, mas esse meio apresentou um declínio considerável desde a sugestão de atribuição (equivalência) de Qualis a alguns eventos do campo da Educação no país.

Muitas podem ser as justificativas para tal comportamento informacional, dentre elas, a constituição histórica do próprio campo da Educação, integrante da grande área de Ciências Sociais e Humanidades, cuja predileção é pela publicação no formato de livro e/ou capítulo de livro. É importante salientar que a diferença entre livros/capítulos de livro e artigos foi de 17,08%, em benefício desse último. No entanto, a partir de 2013, observou-se uma alteração nesse cenário, que pode indicar que a importância (definição do Qualis/Livros) conferida pelas agências de fomento a esse tipo de publicação esteja contribuindo para uma maior equiparidade entre as modalidades.

Ao desvendar quem são esses 382 agentes, compostos por 64,14% de mulheres, a primeira impressão foi considerar esse percentual representativo. No entanto, ao analisar a distribuição do gênero feminino pelos estratos, o que se viu foi a confirmação do processo naturalizado de distinção e dominação que privilegia o ingresso de homens nos mais altos níveis de consagração em detrimento das mulheres. Uma possibilidade interessante seria o estudo das coautorias estabelecidas nessas 44.226 produções, buscando-se evidenciar de que modo os gêneros estão se relacionando no contexto de pesquisa.

Em relação à formação acadêmica, não foi surpresa constatar que a maior parte dos títulos de doutoramento foi em Educação (64,66%), mas é importante salientar que o percentual de 35,34% dos agentes situados no mais alto nível hierárquico, são provenientes de outros campos do saber. Esse fato reforça os aspectos interdisciplinares que compõem, historicamente, o campo educacional, pois a interdisciplinaridade é, concomitantemente, constituinte da Educação e ao mesmo tempo constituída por ela enquanto objeto de estudo.

A ideia principal, ao propor um quadro de distribuição/mobilização dos capitais envolvidos na e pela trajetória acadêmica dos bolsistas PQ's, foi estabelecer inter-relações entre os aspectos quantitativos e qualitativos utilizados para a validação das posições de poder almejadas no campo acadêmico. O que foi possível observar com a aplicação desse instrumento metodológico é que o *habitus* de classe se faz presente nas escolhas, nos investimentos, mas, sobretudo, na incorporação *dóxic*a dos critérios de classificação utilizados no campo.

Detentores de um mesmo *habitus* e ratificadores de uma mesma *dóxa*, os agentes empossados reproduzem suas práticas, mesmo sendo, não raro, vítimas algozes de suas *práxis*. Como visto no caso dos “improdutivos da USP”, o debate se dá entre as mesmas instâncias, no que concerne ao capital científico puro institucionalizado (professores doutores), mas não no que diz respeito ao capital científico temporal delegado. Desde então têm sido colegas indicados para os comitês que reforçam os grilhões que aprisionam os docentes das IES brasileiras em busca de indicadores alicerçados em um padrão de produção que pouco tem de “nosso”. Se diz pouco, pois as condições das universidades brasileiras, sejam relativas à infraestrutura, sejam ao perfil dos estudantes, minimamente se assemelham aos modelos americano e europeu.

A política do *publish or perish* está muito mais arraigada na elite do que talvez ela própria se dê conta. O que, afinal, significa orientar teses e dissertações relevantes para o campo? Ora, a resposta a esse questionamento é uma nova pergunta: há algum trabalho de pós-graduação que não o seja? É realmente necessário incutir no imaginário coletivo, mediante a adoção de critérios de classificação bastante subjetivos, que a distância entre os “melhores” e os “nem tanto” está atrelada, exclusivamente, a questões de força de vontade e de capacidade cognitiva, ou seja, na dicotomia do ter ou não ter: tempo, inteligência, organização, enfim, desculpas para não seguir o imposto pelos seus próprios pares?

Ao reforçar práticas produtivistas o campo da Educação perde a oportunidade de ser a vanguarda no debate do que se deseja ter, criar e fomentar nas IES brasileiras. O papel do professor nesse contexto é primordial, um professor consciente de seu papel como pesquisador, mas não aquiescente na produção em série (artigos, orientandos, congressos) para “de fato” contribuir com o avanço da ciência. Aqui não se está pregando a improdutividade, todavia, acredita-se que um olhar mais cuidadoso deva ser lançado para a academia, para as suas práticas e para seus produtos.

A autocrítica que se propõe diz respeito à vontade propositiva e responsiva de que o campo da Educação se leia, se analise, constantemente, pois é dele que todos os outros campos acadêmicos derivam, não há médicos, sem professores, não há engenheiros, tampouco dentistas entre todas as outras.

No que concerne à metodologia empregada, acredita-se que as articulações, geradoras de modos de produção e distribuição das benesses, são visualizadas graças às condições de percepção diacrônica. Este tipo de percepção permite a observação dos acontecimentos em sua evolução no tempo, como, por exemplo, a percepção do que se expressa quantitativamente, mas que redimensiona, como se pode verificar, as estruturas e os

acontecimentos resultantes dessas relações observáveis e observadas no processo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Oerias: Celta, 1998.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Edições 70, 2011a.

_____. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2011b.

_____. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2011c.

_____. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011d.

_____. **Homo academicus**. Florianópolis: EDUFSC, 2013a.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2013b.

_____.; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **O ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 8. ed. Vozes: São Paulo, 2015.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BUFREM, Leilah S.; NASCIMENTO, Bruna S. do. A questão do gênero na literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, Edição Especial, p. 1999-214, 2012.

CALLON, Michel; COURTIAL, Jean-Pierre; PENAN, Hervé. **Cienciometría el estudio cuantitativo de a actividad científica: de la bibliometría a la vigilancia tecnológica**. Gijón: Trea, 1995.

CAPES. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Relatório de área. 2013a. Disponível em:
<[file:///C:/Users/Bruna/Downloads/Educa%C3%A7%C3%A3o_doc%20area%20e%20comiss%C3%A3o%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Bruna/Downloads/Educa%C3%A7%C3%A3o_doc%20area%20e%20comiss%C3%A3o%20(1).pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. Pesquisa da USP mostra que ¼ dos docentes nada produz. Primeiro Caderno, São Paulo, 1988. Disponível em:
<http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?utf8=%E2%9C%93&fsp=on&all_words=&phrase=&words=usp&without_words=&initial_date=21%2F02%2F1988&final_date=21%2F02%2F1988&date%5Bday%5D=&date%5Bmonth%5D=&date%5Byear%5D=&group_id=0&theme_id=0&commit.x=38&commit.y=16&commit=Enviar>. Acesso em: 24 jan. 2016.

HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a**

partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.

MEADOWS, A. J. **A Comunicação Científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MERTON, Robert K. **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia: Editora 34, 2013.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MUELLER, Suzana P. M.; PASSOS, Edilenice J. L. As Questões da Comunicação Científica e a Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice J. L. (Org.). **Comunicação Científica**. Brasília: UNB, 2000. P. 13-22.

SOUZA, H. J. de. **Como se faz análise de conjuntura**. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

ZIMAN, John Michael. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. (Coleção O Homem e a Ciência, 8).